

MEMÓRIAS EDUCACIONAIS: ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO DE DIFERENTES GERAÇÕES FEMININAS

Alessandra dos Santos Toledo ¹

Evelyn Carvalho Recoba ²

Graziela Nunes Rodrigues ³

Tatiane Motta da Costa e Silva ⁴

RESUMO

O estudo das trajetórias educacionais de diferentes gerações permite compreender as transformações pelas quais o sistema de ensino passou ao longo das décadas, revelando desafios enfrentados, oportunidades criadas e adaptações necessárias diante das mudanças sociais, tecnológicas e econômicas. Ao explorar as experiências de diferentes idades, identifica-se como o acesso à educação, influências familiares e condições socioculturais moldaram suas trajetórias. Nesse contexto, foi proposta a realização de entrevistas como parte avaliativa do Componente Filosofia e História da Educação, do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa. O objetivo foi investigar memórias escolares e acadêmicas de diferentes gerações, analisando as influências sociais, culturais e históricas em suas experiências educacionais. A metodologia adotada foi baseada em entrevistas semiestruturadas, com questões abertas permitindo às entrevistadas refletirem sobre suas experiências pessoais. O processo de coleta de dados envolveu cinco mulheres, com idades entre 20 e 80 anos, e abordou temas como influências familiares, dificuldades educacionais, percepções sobre o ensino remoto e a inclusão no ambiente escolar. Essa abordagem qualitativa proporcionou a análise das trajetórias individuais, facilitando a compreensão das mudanças no cenário educacional ao longo de diferentes gerações. Desde a infância até a idade adulta, cada participante compartilhou suas vivências e os desafios enfrentados em suas trajetórias, permitindo uma análise comparativa das transformações no cenário educacional brasileiro. Os resultados evidenciam trajetórias distintas, mas convergem na visão de que a educação é essencial para o progresso da sociedade. As cinco participantes ressaltam que, sem educação, não há avanço. As trajetórias educacionais refletem a evolução do ensino, com cada geração superando desafios únicos: da resiliência diante de barreiras socioeconômicas ao impacto das novas tecnologias e da inclusão. Em todos os tempos, o apoio familiar e institucional se revela essencial para o sucesso acadêmico, reforçando a importância do suporte contínuo na formação educacional.

Palavras-chave: Trajetória Educacional; Resiliência; Gerações; Mulheres.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa - Uruguaiiana, alessandratoledo.aluno@unipampa.edu.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa - Uruguaiiana, evelynrecoba.aluno@unipampa.edu.br;

³ Mestranda do Curso de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, graziela.nunes@acad.ufsm.br;

⁴ Doutora pelo Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Pampa - Uruguaiiana, tatianesilva@unipampa.edu.br.



INTRODUÇÃO

A educação é um dos principais mecanismos de ascensão social e desenvolvimento humano, sendo historicamente marcada por desigualdades de gênero e classe. Para as mulheres, especialmente aquelas provenientes de famílias pobres e trabalhadoras, o acesso à educação formal nem sempre foi um direito garantido. Durante séculos, os papéis sociais atribuídos ao gênero feminino restringiram suas oportunidades educacionais, limitando seu ingresso e permanência na escola e reduzindo suas possibilidades de participação no mercado de trabalho formal. Joan Scott (1995), em seus estudos sobre gênero como categoria de análise, destaca que as diferenças entre homens e mulheres não são apenas biológicas, mas também construções sociais e culturais que determinam relações de poder e hierarquia. Dessa forma, as barreiras enfrentadas pelas mulheres na educação são reflexos de uma estrutura social que historicamente naturalizou a desigualdade e restringiu seu papel ao ambiente doméstico.

Scott (1995) argumenta que o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais e que essas relações são sustentadas por discursos que legitimam desigualdades. No campo educacional, essa construção social gerou uma exclusão sistemática das mulheres do ensino formal durante séculos. No Brasil, até meados do século XX, a educação feminina era frequentemente limitada a conteúdos voltados para a formação moral e doméstica, reforçando seu papel na esfera privada (DEL PRIORE, 2004). O ensino superior, por exemplo, foi negado às mulheres até o final do século XIX e, quando finalmente permitido, sua presença era minoria em cursos tradicionalmente prestigiados, como Direito, Medicina e Engenharia (PERROT, 2007).

Para as mulheres de classes populares, os desafios sempre foram ainda maiores. Estudos indicam que fatores como a necessidade de contribuir para o sustento familiar, a divisão desigual do trabalho doméstico e a maternidade precoce dificultaram a continuidade de seus estudos, reforçando uma estrutura que perpetua a exclusão social e econômica (Saffioti, 2004). Além disso, a própria organização do sistema educacional raramente considerou as demandas específicas das mulheres trabalhadoras, o que resultou em altas taxas de evasão e em um acesso desigual a oportunidades acadêmicas e profissionais.

Diante desse cenário, esta pesquisa buscou analisar as memórias educacionais de diferentes gerações de mulheres, investigando as transformações e desafios enfrentados ao longo do tempo. O estudo foi desenvolvido no âmbito do Componente Filosofia e História da



Educação, do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa, e teve como objetivo compreender como fatores sociais, culturais e históricos influenciaram as experiências educacionais femininas. A metodologia adotada foi qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas, permitindo que cinco mulheres, com idades entre 20 e 80 anos, compartilhassem suas vivências, abordando temas como acesso à educação, dificuldades enfrentadas, ensino remoto e inclusão escolar.

Os resultados evidenciam mudanças significativas na educação feminina ao longo das décadas, mas também revelam a permanência de desigualdades estruturais. As trajetórias analisadas demonstram que, embora a presença feminina na educação tenha se ampliado, a equidade plena ainda não foi alcançada. Nesse sentido, políticas educacionais que garantam acesso, permanência e oportunidades iguais são essenciais para que futuras gerações femininas tenham não apenas o direito à educação, mas também autonomia para transformar suas realidades.

METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, centrada na análise das experiências educacionais de mulheres de diferentes gerações. A pesquisa foi realizada no contexto do Componente Curricular Filosofia e História da Educação, do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa, e teve como principal ferramenta metodológica a realização de entrevistas semiestruturadas.

A escolha por uma abordagem qualitativa justifica-se pela natureza subjetiva e interpretativa do objeto de estudo, uma vez que as memórias educacionais são influenciadas por fatores sociais, culturais e históricos. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa permite compreender fenômenos complexos, considerando a perspectiva dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, a técnica de entrevista semiestruturada foi selecionada por proporcionar um equilíbrio entre a flexibilidade na formulação das perguntas e a necessidade de coletar dados sistematizados, permitindo às participantes refletirem sobre suas vivências escolares e acadêmicas.

As entrevistas foram realizadas entre agosto e setembro de 2024 e contaram com a participação de cinco mulheres, com idades entre 20 e 80 anos, pertencentes a diferentes gerações e contextos socioeconômicos. O critério de seleção das participantes baseou-se na diversidade etária, a fim de permitir uma análise comparativa das transformações educacionais ao longo do tempo.



O roteiro de perguntas foi estruturado em duas seções. A primeira abrangeu dados pessoais das entrevistadas, incluindo nome, data de nascimento, gênero, estado civil, se possuem filhos(as) e quantos, naturalidade, município de residência, vínculo profissional e nível de escolaridade. A segunda seção abordou a trajetória educacional por meio de questões voltadas à experiência das participantes ao longo de sua formação. Entre os questionamentos, foram explorados aspectos como as pessoas que fizeram parte de seu núcleo familiar, suas lembranças da infância e as vivências que marcaram sua educação ao longo da vida. Também foram investigadas percepções sobre o período escolar na educação básica, dificuldades enfrentadas para estudar e, para aquelas que ingressaram no ensino superior, como ocorreu o processo de escolha, acesso, permanência e conclusão do curso. Além disso, buscou-se compreender a visão das participantes sobre as mudanças ocorridas na educação escolar ao longo dos anos, bem como suas percepções sobre a educação na atualidade e os principais aspectos que se transformaram ao longo do tempo.

As entrevistas foram gravadas em áudio com autorização prévia das participantes e, posteriormente, transcritas na íntegra, mantendo as palavras utilizadas pelas entrevistadas para preservar a originalidade e personalidade das respostas. Após a transcrição, foi realizada a análise das respostas obtidas, associando-as à trajetória educacional de cada participante. Para isso, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). As narrativas foram organizadas em categorias temáticas, permitindo a identificação de padrões e contrastes entre as gerações estudadas. O processo interpretativo considerou tanto os relatos individuais quanto os aspectos estruturais que influenciaram as trajetórias educacionais das participantes.

O estudo seguiu todas as diretrizes éticas de pesquisa com seres humanos, garantindo o sigilo das informações e o anonimato das entrevistadas, e consentimento informado foi obtido previamente. A metodologia adotada possibilitou uma análise aprofundada das experiências educacionais femininas, destacando tanto as transformações no cenário educacional brasileiro quanto os desafios persistentes enfrentados pelas mulheres no acesso e permanência na educação formal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas revelou diferenças significativas nas trajetórias educacionais das participantes, evidenciando o impacto de fatores socioeconômicos, culturais e tecnológicos ao longo das gerações. A experiência educacional de cada entrevistada foi



analisada em quatro eixos principais: infância e acesso à educação, influência familiar, escolhas acadêmicas e profissionais, e percepção sobre as mudanças na educação.

No que se refere à infância e ao acesso à educação, verificou-se que as participantes mais velhas enfrentaram barreiras socioeconômicas substanciais para ingressar e permanecer no sistema escolar. Uma das entrevistadas, de 79 anos, relatou que, devido à necessidade de contribuir financeiramente para a subsistência familiar desde os 8 anos de idade, não teve acesso à escolarização formal. Seu aprendizado ocorreu de maneira autodidata, desenvolvendo habilidades de leitura e escrita por meio da observação e prática independente. Essa realidade reflete o contexto histórico de exclusão educacional vivenciado por crianças de famílias trabalhadoras, conforme discutido por Saffioti (2004), que aponta a sobrecarga do trabalho doméstico e a exigência de participação precoce no mercado de trabalho como fatores determinantes da evasão escolar de meninas em condições de vulnerabilidade socioeconômica.

Em contrapartida, uma das entrevistadas de 63 anos teve uma trajetória educacional mais estruturada, beneficiando-se do apoio familiar e da estabilidade financeira, o que possibilitou a sua permanência na escola e posterior ingresso no ensino superior. Tal contexto reforça a relevância do capital cultural e econômico na continuidade dos estudos, conforme apontado por Bourdieu e Passeron (2014), ao evidenciar que a escolarização das classes populares depende não apenas do acesso formal, mas também das condições materiais e simbólicas que permitem a permanência no sistema educacional.

As entrevistadas mais jovens, apesar de terem crescido em um período de maior acessibilidade educacional, também enfrentaram desafios. Relataram dificuldades em disciplinas específicas, a necessidade de adaptação a constantes mudanças de escola e os impactos do ensino remoto durante a pandemia da COVID-19⁵. O período pandêmico foi especialmente desafiador, afetando a concentração e a motivação para os estudos, o que demonstra a influência das transformações tecnológicas e dos novos formatos educacionais na formação acadêmica das novas gerações.

A influência familiar emergiu como um fator determinante para a continuidade dos estudos em todas as gerações. As participantes mais velhas relataram que, apesar das dificuldades econômicas, receberam em seu núcleo familiar ensinamentos sobre valores como

⁵ A pandemia de Covid-19, reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, representou uma crise para a saúde pública mundial, com impactos sociais, políticos, econômicos e educacionais (BARRETO et al., 2020). Dentre as medidas adotadas para a contenção da doença, a suspensão temporária de aulas presenciais foi adotada em vários países, na tentativa de reduzir o risco de contágio e proliferação do vírus entre a comunidade acadêmica e escolar, exigindo a adequação do sistema de ensino a essa nova realidade (GRANJEIRO et al., 2020).



trabalho, honestidade e resiliência. Embora não tenham obtido suporte financeiro para a continuidade dos estudos, a valorização da educação como ideal esteve presente em suas formações.

Entre as entrevistadas mais jovens, verificou-se que o apoio familiar exerceu papel essencial na permanência no sistema educacional. Foram mencionados incentivos diretos, como a cobrança por bons desempenhos escolares, bem como suporte emocional e material. Esse resultado evidencia como as relações de gênero e classe estruturam a experiência educacional das mulheres, uma vez que as expectativas sociais relacionadas ao papel feminino — como a responsabilidade pelo trabalho doméstico, o casamento e a maternidade — frequentemente impõem desafios à continuidade dos estudos e ao acesso ao ensino superior. Como discutido por Ribeiro (2019), tais atribuições tradicionais podem restringir as escolhas acadêmicas das mulheres, pois a conciliação entre estudo e demandas familiares muitas vezes recai sobre elas, limitando sua permanência no ambiente escolar. Além disso, observa-se que esse apoio familiar, crucial para a trajetória educacional, é majoritariamente fornecido por outras mulheres. Quando as mães ingressam no mercado de trabalho, as avós frequentemente assumem o cuidado das crianças, fortalecendo uma rede de suporte essencial entre mulheres e evidenciando a sobrecarga feminina na manutenção dos laços familiares e educacionais. Assim, percebe-se que a permanência escolar das mulheres não depende apenas de incentivos institucionais, mas também de uma estrutura de apoio construída historicamente dentro das relações femininas.

No que se refere às escolhas acadêmicas e profissionais, observou-se que as diferenças geracionais também são evidentes neste aspecto. Enquanto uma das participantes mais velhas não teve a oportunidade de prosseguir seus estudos, outra ingressou no ensino superior no curso de Letras, motivada pelo interesse na língua portuguesa e pela possibilidade de permanecer em sua cidade natal. Sua carreira profissional foi marcada por 39 anos de atuação no magistério, período em que acompanhou transformações significativas no ensino e nos desafios enfrentados pela profissão docente.

Já as participantes mais jovens ingressaram no ensino superior no curso de Licenciatura em Educação Física, ainda que com motivações distintas. Uma das entrevistadas relatou que sua escolha foi influenciada pela experiência com um familiar TEA e pelo impacto positivo da atividade física no desenvolvimento infantil. Outra afirmou que, embora inicialmente não tivesse interesse na área, passou a perceber afinidades ao longo da graduação, especialmente com o campo da saúde. Esses relatos demonstram como o ensino superior contemporâneo



proporciona maior flexibilidade e acesso a diferentes trajetórias acadêmicas, ainda que o processo de escolha profissional continue sendo influenciado por fatores familiares e sociais.

Os relatos evidenciam que a permanência no sistema educacional das mulheres não pode ser dissociada das condições materiais e simbólicas que estruturam suas vidas. O pertencimento a determinadas classes sociais influencia diretamente o acesso a oportunidades e ao suporte necessário para a continuidade dos estudos. Mulheres de classes populares, por exemplo, enfrentam desafios adicionais, pois a necessidade de contribuir financeiramente com a família e a responsabilidade precoce por tarefas domésticas e cuidados com irmãos ou filhos frequentemente limitam suas trajetórias escolares.

Essa realidade se entrelaça à dimensão de gênero, uma vez que as expectativas sociais ainda impõem às mulheres o papel de cuidadoras prioritárias, o que restringe suas possibilidades acadêmicas e profissionais. A sobreposição de opressões relacionadas a gênero e classe reforça desigualdades estruturais, criando barreiras mais expressivas para mulheres em contextos de vulnerabilidade social. Essa dinâmica também se manifesta nas redes de apoio, que, apesar de fundamentais, são muitas vezes formadas por outras mulheres igualmente sobrecarregadas, o que evidencia a necessidade de políticas públicas que considerem essas intersecções na formulação de estratégias para garantir equidade no acesso e permanência educacional.

Quanto à percepção sobre as mudanças na educação, verificaram-se perspectivas variadas entre as gerações. A participante mais velha destacou os avanços na acessibilidade educacional, enfatizando que, atualmente, há mais oportunidades para os jovens, principalmente devido à disseminação do ensino público e ao acesso facilitado às tecnologias digitais. Em contrapartida, uma das entrevistadas de 63 anos apresentou uma visão mais crítica sobre as transformações educacionais, mencionando desafios contemporâneos, como a dificuldade dos alunos em desenvolver pensamento crítico e a dependência excessiva de recursos tecnológicos. As participantes mais jovens também ressaltaram as transformações no ambiente educacional, destacando a ampliação das práticas inclusivas e a valorização do uso de ferramentas digitais. Entretanto, reconheceram que a dependência tecnológica trouxe novos desafios, como a dificuldade de manter a atenção nas atividades acadêmicas e a necessidade de maior envolvimento familiar na formação escolar.

A partir da análise comparativa das experiências educacionais das entrevistadas, verificou-se que, apesar das diferenças contextuais e dos desafios específicos de cada geração, todas convergem na percepção da educação como elemento fundamental para o progresso individual e social. Enquanto as gerações mais antigas enfrentaram barreiras estruturais



relacionadas ao acesso e permanência no ensino formal, as gerações mais recentes lidam com desafios contemporâneos, como a adaptação ao uso de novas tecnologias e a necessidade de maior suporte institucional e familiar no processo de ensino-aprendizagem.

O estudo reforça a importância de políticas educacionais que garantam não apenas o acesso à escolarização, mas também condições efetivas para a permanência e o êxito acadêmico. Além disso, destaca a relevância do suporte familiar e institucional como fatores determinantes para o sucesso das mulheres na trajetória educacional. Assim, compreende-se que a construção de uma educação equitativa e inclusiva exige a superação de desafios históricos e contemporâneos, possibilitando que futuras gerações tenham autonomia para transformar suas realidades por meio do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire (1989) afirmou que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", enfatizando que o processo educativo não ocorre isoladamente, mas sim em constante interação com a realidade social, histórica e cultural do indivíduo (Furim; Castorino; Seluchinsk, 2019). A educação não é apenas a aquisição de conhecimento formal, mas também a interpretação do mundo e a construção de sentido a partir das experiências vividas. Essa perspectiva se mostra essencial quando analisamos as trajetórias educacionais de diferentes gerações de mulheres, pois evidencia que o acesso e a permanência na escola não são processos neutros, mas atravessados por condições socioeconômicas, familiares e políticas que moldam as possibilidades de aprendizagem.

No contexto brasileiro, ser mulher e buscar educação é um ato carregado de desafios. O estudo demonstrou que as barreiras enfrentadas por mulheres mais velhas para acessar a escolarização formal eram predominantemente estruturais, marcadas por desigualdades socioeconômicas e pela necessidade de trabalho precoce. Já as gerações mais jovens, embora contem com um cenário educacional mais inclusivo e acessível, ainda enfrentam desafios contemporâneos, como a precarização da educação pública, as dificuldades impostas pelo ensino remoto e a falta de apoio institucional. Além disso, a interseccionalidade de fatores como classe social, raça e gênero impõe camadas adicionais de complexidade à experiência educacional feminina. Apesar de não se discutir com maior aprofundamento teórico a questão racial ao longo do texto, é indispensável citar a questão racial como importante fator que irá interferir no processo educacional das mulheres.

Os resultados desta pesquisa evidenciam que, apesar dos avanços, a equidade plena no



acesso e permanência das mulheres na educação ainda não foi alcançada. A análise das entrevistas reforça que a aprendizagem é um processo subjetivo, influenciado por múltiplos fatores e, no caso das mulheres, permeado por transversalidades como a maternidade, as responsabilidades domésticas e as desigualdades no mercado de trabalho. O estudo também revela que o suporte familiar e comunitário continua sendo um fator determinante para o sucesso acadêmico, demonstrando que a educação não se restringe à escola, mas é construída nas relações sociais e na valorização do conhecimento ao longo da vida.

No campo científico, este estudo contribui para a compreensão das dinâmicas de exclusão e inclusão educacional, evidenciando a necessidade de políticas públicas que garantam não apenas o acesso formal à educação, mas também condições que permitam a permanência e o êxito acadêmico das mulheres. Torna-se fundamental aprofundar investigações sobre os impactos das transformações tecnológicas no ensino, as desigualdades de gênero na trajetória escolar e a efetividade das políticas de inclusão educacional no Brasil.

Por fim, esta pesquisa reforça a urgência de uma educação que compreenda a diversidade de trajetórias e reconheça que aprender não é um ato isolado, mas um processo contínuo de interpretação e ressignificação da própria existência. Como sugere Freire, a leitura da palavra apenas se concretiza quando precedida pela leitura do mundo. O desafio, portanto, não é apenas garantir que as mulheres ingressem e permaneçam na escola, mas sim criar um ambiente educacional que as ajude a transformar suas realidades e construir um futuro com mais equidade e autonomia.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Federal do Pampa, pelo espaço de aprendizado e crescimento acadêmico. Também a umas às outras, por toda a dedicação, apoio e partilha ao longo deste trabalho.

Um agradecimento especial às mulheres que participaram das entrevistas, que generosamente dividiram suas histórias, experiências e reflexões, tornando a escrita deste trabalho possível e significativo.

Agradecemos, ainda, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – subprojeto Educação Física, pelo incentivo financeiro, por meio do fornecimento de bolsas de iniciação à docência.



E, por fim, a todas as mulheres que fazem diferença e lutam todos os dias por uma sociedade mais igualitária—que suas trajetórias inspirem e transformem o mundo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, M. L. et al. O que é urgente e necessário para subsidiar as políticas de enfrentamento da pandemia de COVID-19 no Brasil? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-4, 2020.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Florianópolis: UFSC, 2014.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. Unesp, 2004.

FURIM, Mara Mone Ferreira Soares; CASTORINO, Adriano; SELUCHINESK, Rosane Duarte Rosa. Leitura do mundo e leitura da palavra em Paulo Freire. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 10, p. 244-257, 2019.

GRANJEIRO, E. M., et al. O. Estratégias de ensino à distância para a educação interprofissional em saúde frente à pandemia COVID-19. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires (REVISA)**, Valparaíso de Goiás, v. 9, n. 1, p. 591-602, jul.-set., 2020.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. Ministério Público do Estado da Bahia, 2004.



SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.**

RIBEIRO, Marília Pinto de Carvalho. **Gênero e educação: desafios contemporâneos.** São Paulo: Cortez, 2019.

